



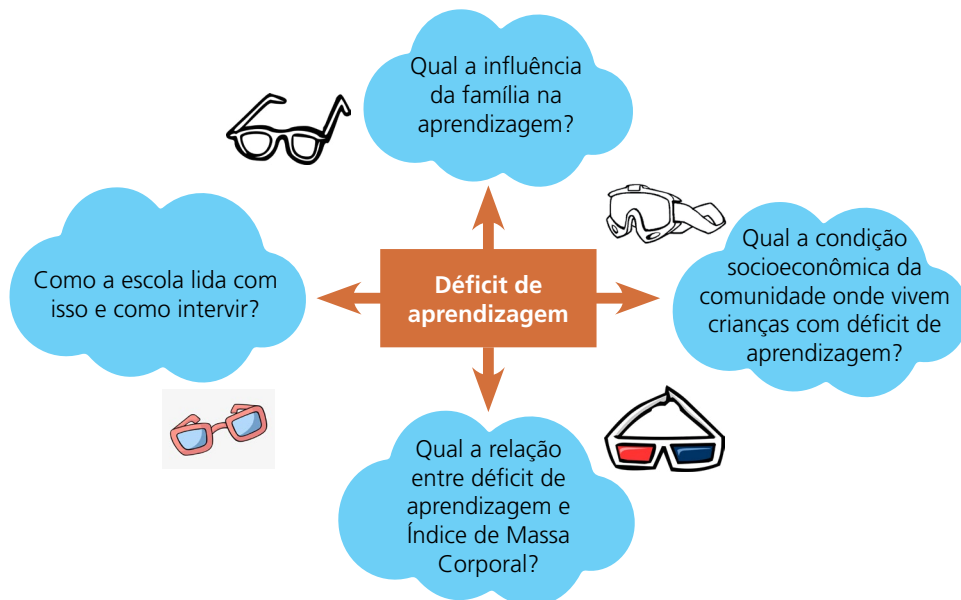
UNIDADE DE APRENDIZAGEM IV

**METODOLOGIA E MÉTODOS DE
PESQUISA: ALGUMAS NOTAS**

METODOLOGIA E MÉTODOS DE PESQUISA: ALGUMAS NOTAS

A metodologia científica supõe que o pesquisador escolheu, de acordo com o objeto e a área de conhecimento da pesquisa, um referencial teórico – que é como um “óculos”, que permite ver a questão a ser estudada a partir de uma determinada perspectiva, e uma metodologia, que também deve ser teoricamente coerente com este olhar.

Por exemplo, tomemos um fenômeno ou problema que pode ocorrer no ambiente escolar: crianças com déficit de aprendizagem. Este mesmo problema pode ser visto de várias formas.



Como essas, muitas outras perguntas poderiam ser feitas, levando a abordagens específicas diferentes. Os caminhos para construir as respostas compõem a metodologia, e se quisermos realizar alguma intervenção sobre a questão, como é o caso de um projeto de intervenção, os caminhos deverão ser coerentes.

Independente da metodologia escolhida, é preciso **conhecer** o máximo possível o contexto em que se dá a questão, ou problema, o que já abordamos anteriormente.

Vamos apresentar uma síntese, demarcando as principais diferenças entre dois grandes conjuntos de metodologias: as quantitativas e as qualitativas.

- **Abordagens quantitativas** – buscam quantificar comportamentos, doença, situações, resultados, recursos etc., ou seja, qualquer categoria de coisas ou fenômenos. Esta quantificação pode ser apenas descritiva, utilizando estatísticas básicas (por exemplo, qual a média de idade dos alunos de uma sala de aula), ou pode ser mais sofisticada, com modelagens matemáticas que permitem dizer que “o hábito de fumar aumenta as chances (o risco) de uma pessoa desenvolver um câncer de pulmão”. Para chegar a essas conclusões, os estudos quantitativos podem partir de hipóteses, a serem ou não comprovadas, e o planejamento da pesquisa deve ser muito cuidadoso, definindo antes de começar quais variáveis serão coletadas. Uma variável é qualquer fenômeno, atributo ou coisa que pode ser quantificada. Como exemplo de fenômeno quantificável, temos: ocorrência de casos de dengue; como atributos: sexo, idade, escolaridade das pessoas; como coisas: recursos, moradias, carros etc.
- **Abordagens qualitativas** – a pesquisa volta-se para uma compreensão acerca do significado de situações, vivências ou fenômenos para as pessoas, entendendo que estes significados implicam determinadas escolhas, posturas, caminhos históricos. Aspectos como a cultura e os diversos processos sociais são relevantes. Ao analisar relações entre pessoas, por exemplo, pode-se até quantificar para fins descritivos quantas vezes as pessoas interagiram, mas o que é de interesse mesmo é desvelar questões relativas às intenções, aos impactos sociais e subjetivos, aos simbolismos e significados envolvidos nessas relações.

Essa é uma descrição muito breve e até grosseira sobre as abordagens qualitativas e quantitativas de pesquisa. Cada abordagem supõe um certo olhar teórico e conceitual, e pode se desdobrar em procedimentos diversos. Nas práticas de pesquisa, pode-se articular abordagens quantitativas e qualitativas num mesmo projeto.



Para saber um pouco mais sobre essas duas abordagens na área da saúde, leia o artigo [“Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa”](#) (TURATO, 2005).



De acordo com a pesquisadora Suely Deslandes (2012, p. 86), outra forma de classificar tipos de pesquisas é a que as distingue em estudos exploratórios, descritivos e experimentais:

Os estudos **exploratórios** geralmente são propostos para temáticas e realidades que pouco se conhece. Visam à formulação de hipóteses explicativas, avançando no conhecimento sobre tais objetos. Podem funcionar ainda como etapa preliminar de certa pesquisa. As pesquisas **descritivas** criam perfis e tipologias de grupos ou ações. Apesar do nome, esses estudos envolvem interpretações dos cientistas e não meros relatos. Buscam verificar ainda as relações entre diversas variáveis que caracterizam ou explicam certa realidade, ou inferir como determinado fenômeno ocorre. Podem também aprofundar o conhecimento de certo grupo ou experiência por meio do estudo de casos. Os estudos **experimentais** buscam controlar determinada variável que é considerada a provável causa de certo fato ou fenômeno (variável independente) e correlacionar o comportamento de outras variáveis, vistas como conseqüências (variáveis dependentes). (DESLANDES, 2012, p. 86, grifo nosso).

Por fim, vale lembrar que essas são apenas algumas formas de classificação de pesquisas. Existem ainda outras categorizações para diferenciar as propostas metodológicas em pesquisa, segundo a forma de organizar resultados e conteúdos, grau de aprofundamento, tipo de referencial teórico que orienta o olhar do pesquisador, entre outros.

PESQUISA-AÇÃO: UMA PROPOSTA PARA O PIPED

Pensamento estratégico

Antes de falarmos um pouco sobre a metodologia da pesquisa-ação, vale pensar sobre um elemento central para seu desenvolvimento: o pensamento estratégico.

Lembre-se que uma das características de um Projeto de Intervenção é, além de descrever e situar um problema, construir uma proposta de ação para intervir e efetivar alguma mudança. Para isso, é preciso considerar as possibilidades reais existentes de que essas mudanças possam acontecer, o que implica pensar estrategicamente. Veja o que a pesquisadora Suely Deslandes (2012, p. 92) comenta sobre isso:

A estratégia constitui o plano geral das ações para se chegar ao que foi planejado. Requer concatenação e encadeamento entre as atividades específicas que serão realizadas (as táticas), ter clareza de como se articulam, visualizar o que permitem construir e as lacunas que apresentam. Exige ainda um saber fazer, certas habilidades e competências (DESLANDES, 2012, p. 92).

Trata-se, portanto, de aliar o conhecimento científico acumulado sobre o problema com um certo “bom senso”, a partir deste pensar estratégico. Um exemplo comumente usado na área de planejamento para discutir estratégia é o da “festa para um amigo triste”. De modo sucinto, os elementos desse exemplo encontram-se a seguir.

Problema

João, meu amigo, está triste, porque terminou um namoro.

Análise da situação

- João é usualmente uma pessoa alegre, gosta de encontros.
- João fará aniversário semana que vem.
- João já está superando o término do namoro, mas ainda necessita de algum apoio extra.

- Todos os amigos comuns estão preocupados e pensando em algo para ajudar João a se animar mais.

Estratégia

Vamos organizar uma festa para o aniversário do João, trazendo o máximo de amigos, com as músicas, comidas e bebidas de que ele mais gosta!

Táticas (atividades)

- Maria arranja o local.
- Pedro organiza a lista de músicas e o som.
- Carlos e Ângelo arrecadam o dinheiro para comidas, bebidas e outras coisas.
- Júlio, Tereza e Fernanda vão comprar tudo e deixar no local da festa.
- Flávia cuidará da decoração.
- Joana fará um bolo espetacular.
- Márcio elaborará e enviará convites por *e-mail* para todos os demais amigos.

Observação: essas atividades ainda precisarão ser distribuídas segundo um cronograma.

Você não acha que esta festa tem tudo para dar certo?

Outro exemplo, também próximo à nossa realidade, é trazido pela Deslandes (2012, p. 93):

No futebol, por exemplo, a estratégia de empregar certo número de jogadores na defesa, no meio de campo e no ataque é bastante usado. São as chamadas estratégias 4-3-3, 4-4-2, 3-5-2 etc. Qualquer uma dessas estratégias exigirá o emprego de táticas, isto é, um conjunto de jogadas, seja priorizando a direita, a esquerda ou o meio-campo. Exige que os jogadores não sejam pernas-de-pau e tenham competência para executar o que foi ensaiado pelo técnico, que demonstrem criatividade para enfrentar dificuldades e para propor saídas diante de posições difíceis, marcações e das condições do campo. Demanda ainda que tudo isso seja executado ao longo de dois tempos regulamentares de 45 minutos cada.

Tendo claro qual a principal estratégia para intervir, será o momento então de definir quais as táticas, ou atividades que irão compor esta estratégia. Passamos, a seguir, a apresentar uma breve descrição sobre a pesquisa-ação, como base metodológica para o seu PIPed.

A pesquisa-ação como metodologia para o PIPed

A pesquisa-ação é uma metodologia de caráter qualitativo e prático, muito utilizada no campo da saúde e da educação. Sua origem não é recente, e nasce a partir de abordagens do campo da etnografia.

Sobre as suas origens, a pesquisadora Franco (2005, p. 485) sintetiza:

Parece unânime considerar que a pesquisa-ação tem suas origens nos trabalhos de Kurt Lewin, em 1946, num contexto de pós-guerra, dentro de uma abordagem de pesquisa experimental, de campo. Suas atividades com pesquisa-ação foram desenvolvidas quando trabalhava junto ao governo norte-americano. Suas pesquisas iniciais tinham por finalidade a mudança de hábitos alimentares da população e também a mudança de atitudes dos americanos frente aos grupos étnicos minoritários. Pautava-se por um conjunto de valores como: a construção de relações democráticas; a participação dos sujeitos; o reconhecimento de direitos individuais, culturais e étnicos das minorias; a tolerância a opiniões divergentes; e ainda a consideração de que os sujeitos mudam mais facilmente quando impelidos por decisões grupais. Suas pesquisas caminhavam paralelamente a seus estudos sobre a dinâmica e o funcionamento dos grupos. Sua forma de trabalhar a pesquisa-ação teve grande desenvolvimento nas empresas em atividades ligadas ao desenvolvimento organizacional.

Parte de pressupostos e de um entendimento de que a pesquisa não precisa ser apenas uma abordagem distanciada da possibilidade de buscar mudar a realidade. Na pesquisa-ação, há necessariamente um caráter mais coletivo e participativo, e o olhar sobre a situação ou fenômeno visa ampliar o conhecimento sobre ele, e também propor e colocar em ato propostas para solucionar problemas ou efetivar alguma melhoria na situação.

Com o avançar dos anos, a pesquisa-ação ganhou formatos e abordagens um pouco diferentes, mas com todas elas convergindo para o aspecto coletivo e colaborativo na análise e construção de uma intervenção.

Um dos principais pesquisadores em **pesquisa-ação** no Brasil é o sociólogo Michel Thiollent, cuja atuação se deu em torno de projetos e propostas educacionais em escolas e universidades.

PESQUISA-AÇÃO

“[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THIOLLENT, 2005, p. 14).

Note que essa definição é coerente com o que se pretende com este curso e com o PIPed – levantar questões a respeito da saúde na escola e uso de tecnologias, identificar problemas-chave, analisar como se produz o problema e sua conjuntura, identificar possíveis soluções e propor, sob a forma de um projeto, uma intervenção.

Os passos gerais de uma pesquisa-ação, de acordo com as pesquisadoras Grittem, Meier e Zagonel (2008, p. 767-768), podem ser resumidos conforme destacado a seguir.

- ◎ **Fase exploratória:** diagnóstico da realidade do campo de pesquisa, levantamento da situação e dos problemas. Pesquisadores e participantes estabelecem os objetivos da pesquisa, interligando os problemas, campo de observação, atores e tipo de ação que se pretende focalizar.
- ◎ **Tema da pesquisa:** deve interessar ao pesquisador e aos sujeitos investigados, para que todos desempenhem um papel eficiente no desenvolvimento da pesquisa. O tema pode ser solicitado pelos atores da situação. Neste momento, é escolhido um marco teórico para nortear a pesquisa.
- ◎ **Colocação dos problemas:** nesta fase, há discussão sobre a relevância científica e a prática do que será pesquisado.
- ◎ **O lugar da teoria:** articulação com um referencial teórico de acordo com o local onde será realizada a pesquisa. As informações que serão levadas ao

seminário (explicitado abaixo), estratégia que faz parte do método, devem ser interpretadas conforme esta teoria, dando rigor científico à pesquisa.

- **Hipóteses:** são suposições formuladas pelo pesquisador a respeito de possíveis soluções para um problema colocado na pesquisa, assumindo caráter de condução do pensamento.
- **Seminário:** tem a finalidade de promover discussão e tomada de decisões acerca da investigação (definição de temas e problemas), constituir grupos de estudos, definir ações, acompanhar e avaliar resultados. O seminário tem a função de coordenar as atividades do grupo, sempre finalizado pela confecção de atas das reuniões.
- **Campo de observação, amostragem e representatividade qualitativa:** pode abranger uma comunidade geograficamente concentrada ou dispersa. A amostragem e a representatividade qualitativa são discutíveis.
- **Coleta de dados:** as principais técnicas utilizadas para a coleta de dados são as entrevistas coletiva ou individual, os questionários convencionais, os estudos de jornais e revistas. Podem ser montados diversos grupos de observação, e para isso faz-se necessário treinamento deste grupo. Todas as informações coletadas são transferidas ao seminário, para discussão, análise e interpretação.
- **Aprendizagem:** as ações investigadas envolvem produção e circulação de informações, tomada de decisões, supondo uma capacidade de aprendizagem dos participantes. Esta capacidade é aproveitada e enriquecida, já que ocorre uma aprendizagem conjunta.
- **Saber formal e saber informal:** deve melhorar a comunicação entre os universos culturais dos especialistas e dos interessados. Há uma interação entre o saber prático e o teórico, que se funde na construção de novos conhecimentos. Busca-se a intercompreensão.
- **Plano de ação:** visa definir os atores, a relação entre eles, quem são os líderes, quais os objetivos e os critérios de avaliação da pesquisa, a continuidade frente às dificuldades, quais estratégias serão utilizadas para assegurar a participação dos sujeitos, a incorporação de sugestões e qual a metodologia de avaliação conjunta de resultados.
- **Divulgação externa:** nesta fase, ocorre o retorno dos resultados da pesquisa aos participantes, a divulgação dos resultados em eventos, congressos, conferências e publicações científicas.

Como você já deve estar refletindo, trata-se de uma caminhada similar à necessária para a construção do PIPed, e este curso oportuniza traçar a maior parte desses passos.



Caso você queira aprofundar seus conhecimentos sobre pesquisa-ação, leia os artigos:

- “[Pesquisa-ação: uma alternativa metodológica para pesquisa em enfermagem](#)” (GRITTEM; MEIER; SAZONEL, 2008).
- “[Pedagogia da pesquisa-ação](#)” (FRANCO, 2005).



Lembramos que a elaboração do PIPed será apoiada pelos debates com seu tutor e colegas. Não se angustie ou se prenda a um rigor excessivo, pois, como em qualquer pesquisa, haverá a necessidade de fazer e refazer os passos, à medida que o conhecimento sobre a realidade que você pretende analisar vai se aprofundando e os conteúdos do curso fizerem cada vez mais sentido para a sua prática docente.

REFERÊNCIAS

DESLANDES, Suely Ferreira. Notas para elaboração de projetos de investigação científica e projetos de intervenção. In: LEITÃO; SANTOS. *Caderno do aluno do curso Impactos da Violência na Saúde*. Rio de Janeiro: CDEAD/ENSP/Fiocruz, 2012. p. 80-104.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa-ação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000300011&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 11 de maio de 2018.

GRITTEM, Luciana; MEIER, Marineli Joaquim; ZAGONEL, Ivete Palmira Sanson. Pesquisa-ação: uma alternativa metodológica para pesquisa em enfermagem. *Texto & Contexto: Enfermagem*, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 765-770, dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400019&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 11 de maio de 2018.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 14. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

TURATO, Egberto Ribeiro. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista Saúde Pública*, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 507-514, jun. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102005000300025&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 11 de maio de 2018.